

HELEN LAUER E KOFI ANYIDOHO
(Organizadores)

**O RESGATE DAS CIÊNCIAS
HUMANAS E DAS
HUMANIDADES ATRAVÉS DE
PERSPECTIVAS AFRICANAS**

VOLUME II



Brasília - 2016

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

Equipe Técnica:

Eliane Miranda Paiva
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Luiz Antônio Gusmão
André Luiz Ventura Ferreira
Acauã Lucas Leotta
Márcia Costa Ferreira
Livia Milanez
Renata Nunes Duarte

Projeto Gráfico:

Daniela Barbosa

Tradução:

Rodrigo Sardenberg

Programação Visual e Diagramação:

Gráfica e Editora Ideal

Impresso no Brasil 2016

R433 O Resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas
/ Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília : FUNAG, 2016.

4 v. – (Coleção relações internacionais)

Título original: Reclaiming the human sciences and humanities through African perspectives

Descrição principal baseada no volume 2.

ISBN (v. 2) 978-85-7631-619-0

1. Acumulação de capital. 2. Desenvolvimento socioeconômico - África. 3. Desenvolvimento científico - África. 4. Educação - África. 5. Aids - África. 6. Política de saúde - África. I. Lauer, Helen. II. Anyidoho, Kofi. III. Série.

CDU 301.19(6)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

SEÇÃO 4

Medindo a condição humana

Capítulo 31

Opiniões políticas sobre a África do Sul disfarçadas de ciência: questões de responsabilidade profissional na comunidade de pesquisa científica995

Serge Lang

Capítulo 32

Cartas da África do Sul 1031

Lilian Ngoyi

Capítulo 33

Alguns problemas teóricos e práticos associados com o uso de instrumentos ocidentais para medir capacidades cognitivas no continente africano 1063

J. Y. Opoku

Capítulo 34

“Raça” e “QI” 1083

Kwame Anthony Appiah

Capítulo 35

Choque de realidade: os custos e as condições do ensino básico gratuito para todos na Região de Grande Accra 1107

Judith S. Sawyerr

Capítulo 36

Estratégias globais de saúde para combater a AIDS na África requerem evidência, não comoção..... 1155

Andrew Maniotis e Charles L. Gesheker

CAPÍTULO 34

“RAÇA” E “QI”¹

Kwame Anthony Appiah

Aqui está um fato que poucas pessoas inteligentes contestam: tome uma amostra aleatória de americanos negros e uma amostra aleatória de americanos “brancos” e dê a todos eles algum teste de QI americano padrão. Se a amostra for grande o suficiente, é muito provável que o QI médio do primeiro grupo seja 15 pontos menor do que o do segundo grupo – uma quantidade que torna a pontuação média dos negros americanos equivalente ao de um branco americano um desvio padrão abaixo da média dos brancos. Como as medidas de QI são projetadas para se encaixarem numa “curva de sino” simétrica padrão – e, nessa curva, cerca de um terço da população está localizada a menos de um desvio padrão de um lado ou de outro da média – pode-se concluir que pouco mais de quatro quintos dos brancos tenham uma pontuação maior do que o negro americano médio.

¹ Este capítulo só foi possível graças à Professora Barbara C. Sproul, fundadora e membra executiva, da Diretoria e do Comitê Múltiplo e ex-secretária geral da Amnesty International USA - AIUSA (1971), coordenadora do grupo da África do Sul, a partir de 1977, coordenadora de caso individual para Lilian Ngoyi (1977-1980) e líder do grupo do Leste Europeu (1985-2005).

Este fato é central para boa parte do debate sobre raça e inteligência na nossa sociedade e então eu proponho dar um nome a isso: vou chamá-lo de “dado central”. O dado central é que o que chamamos de populações negra e branca nos Estados Unidos diferem por aproximadamente um desvio padrão no QI médio.

Desde que o primo de Darwin, Francis Galton, publicou sua obra *Hereditary Genius* em 1869, a ideia de que a inteligência é mensurável, hereditária e distribuída de maneira diferencial tornou-se comum e vários dos herdeiros intelectuais de Darwin alimentaram o estudo científico de raças. Por mais de um século, então, uma proporção significativa de intelectuais ocidentais assumiu que fatos como o dado central confirmam a visão de que raças são diferentes em termos de inteligência e que a raça negra é hereditariamente menos dotada com dons intelectuais do que a raça branca. Muitas pessoas, nem todas intelectuais, acreditam (ou pelo menos suspeitam), ainda hoje, que a explicação do dado central é que os negros – membros da raça negra – são, em média, hereditariamente inferiores aos caucasianos – membros da raça branca – no que diz respeito à inteligência.

Pessoalmente duvido que o dado central sustente o que eu chamarei desta “conclusão racista”: a conclusão racista é o julgamento de que a explicação para o dado central seja uma diferença hereditária entre as raças branca e negra. Neste capítulo quero delinear três pontos em que a conclusão racista pode ser contestada e em seguida fazer algumas sugestões sobre como tornar a pesquisa sobre genética e inteligência mais lucrativa em termos intelectuais. Considero que este projeto pertença à filosofia da ciência aplicada. Entender as questões conceituais pode ajudar a melhorar a ciência.

“Raça”

Deixe-me começar com a suposição mais básica daqueles que derivaram a conclusão racista: a crença de que americanos negros e americanos brancos pertencem a raças absolutamente distintas.

Não muito tempo atrás eu estava sendo entrevistado num programa de rádio numa Rádio Pública Nacional no meio-oeste dos Estados Unidos. Eu estava explicando, entre outras coisas, por que eu acreditava que não existem raças biológicas na nossa espécie, *Homo sapiens*. Um ouvinte irritado ligou de Chicago e me disse que, apesar de admitir que muito do que eu tinha dito fosse verdadeiro, era perigoso sair por aí dizendo que não havia raças humanas. Confuso, eu perguntei a ele *por que* ele achava que isso fosse perigoso. Por um momento ele ficou em silêncio. Depois ele disse: “Porque as pessoas vão rir de você”. Meu ouvinte achava que negar a existência de raças biológicas entre os humanos fosse *obviamente* absurdo.

Esta reação vinda de uma pessoa com um treinamento universitário nas ciências da vida – ele parecia ter qualificações em antropologia física ou em anatomia comparativa – demonstra como a ideia de raça é central para o pensamento de várias pessoas na nossa sociedade e até que ponto as pessoas estão convencidas de que a raça fornece uma base objetiva e científica para a classificação. Não apenas meu ouvinte estava demonstrando estas suposições – *raça é central, é um assunto objetivo e científico* – mas ele também estava claramente convencido de que a maioria dos outros americanos concordaria.

Quando ele disse que era *perigoso* negar esta verdade óbvia, no entanto, ele estava expressando mais do que isto. Ele estava caindo no tipo de hipérbole histórica que ocorre quando um princípio central do seu sistema de crença é ameaçado. (Existem, afinal de

contas, riscos piores do que a maioria dos comediantes correm todas as noites da semana).

Eu percebo, então, que muitas pessoas têm estas crenças – até onde eu consigo enxergar, é fácil de adquirir exatamente estas suposições numa educação decente normal nos Estados Unidos ou na Europa. Mas eu também estou confiante que valha a pena ouvir de maneira justa os argumentos contra a realidade da raça. E, na pior das hipóteses, se meu ouvinte de Chicago estiver certo, você pode dar uma boa risada.

Aqui, então, está minha visão (que por acaso é compatível com a de muitos dos principais cientistas nos campos da genética e da biologia evolutiva). Existem todas as razões para negar que exista, de um ponto de vista biológico, qualquer raça humana. Tem havido boa razão reconhecida para negar isto na maior parte deste século. (De fato, tem havido razões para suspeitar do conceito de raça desde o comecinho da ciência da raça)². Se, por exemplo, a raça for uma propriedade biológica objetiva natural, por que tem sido tão difícil de produzir consenso sobre quais raças existem? Em boa parte da discussão americana supõe-se que existam caucasianos, negros e mongoloides: mas em seguida é imediatamente concordado que os asiáticos do sul (ou pelo menos *muitos* asiáticos do sul) não parecem se encaixar em nenhuma destas categorias, que os aborígenes da Austrália e os habitantes das ilhas do Pacífico também não e que as populações de índios americanos, nas duas Américas, também são outra coisa.

Eu suspeito que muitas pessoas acreditem que as dificuldades de classificar os americanos seja o resultado da “mistura de raças”. É fácil acabar pensando que a cor da pele, o cabelo e a morfologia do crânio são mais proximamente correlacionados nas populações de

2 Para mais detalhes do argumento, veja meu artigo, “Race, Culture, Identity: Misunderstood Connections” em (eds.) K. Anthony Appiah and Amy Gutmann (1992); e o Capítulo 2 de *In My Father's House*, K. Anthony Appiah (1992).

lugares onde você nunca esteve. Mas uma vez que você vá à África e observe as diferenças óbvias em termos de aparência entre os povos Hausa, Iorubá e Ibo na África Ocidental – independentemente dos povos San do Kalahari, dos Pigmeus Mbuti do Zaire, ou dos povos da Somália – a noção de que ter a pele escura e vir da África ocorre junto com uma forma específica de crânio ou um tipo de cabelo, começa a parecer implausível: e isto está só restringindo você a diferenças visíveis óbvias. Um ceticismo semelhante deve se seguir a uma viagem atenta pela Europa ou pela Ásia.

O problema básico com a ideia de existirem raças biológicas humanas é o seguinte: apesar de as diferenças de cor da pele, cabelo, olhos e forma do crânio que distinguem os membros “típicos” das diversas supostas raças serem hereditárias, elas não se correlacionam muito bem com as outras diferenças hereditárias entre as pessoas. Existe quase tanta variação biológica entre os negros americanos (aliás, até mesmo entre os africanos)³ quanto entre a população americana como um todo, por outro lado, a maioria das características hereditárias variáveis encontradas em um grupo “racial” pode ser encontrada em outros⁴. Paul Hoffman escreveu recentemente, a partir de um trabalho feito por Richard Lewontin, que da diversidade genética que existe na população humana:

[...] 85% será encontrada dentro de qualquer grupo local de pessoas – digamos, entre você e seu vizinho. Mais de metade (9%) dos 15% restantes

3 Digo “até mesmo” porque os negros americanos têm tanta ancestralidade europeia e índia americana, como resultado da regra americana de “uma gota” que o tornava negro na maioria das circunstâncias se seu pai ou sua mãe fossem negros. Isto poderá fazer você pensar que a variabilidade genética da população negra americana tenha sido apenas um reflexo da grande diversidade da sua ancestralidade. Os dados africanos sugerem que esta não seja a razão.

4 Digo “características variáveis hereditárias” porque uma maioria do meu material genético é funcionalmente igual ao de todas as outras pessoas. Meu argumento é que até entre a pequena proporção de características pessoais que varia, a maioria é encontrada em todos os continentes e em todos os principais grupos populacionais.

será representada por diferenças entre grupos étnicos e linguísticos dentro de determinada raça (por exemplo, entre italianos e franceses). Apenas 6% representa diferenças entre raças (por exemplo, entre europeus e asiáticos)⁵.

É claro que você pode classificar as pessoas de acordo com diversos grupos de características: cor da pele, cabelo, a forma do crânio, tipos sanguíneos. Mas conjuntos diferentes de características produzirão classificações diferentes. Então não existe, conforme pensavam os grandes fundadores da investigação no século XIX, um sistema de classificação em raças principais, que possa desempenhar um papel central na biologia teórica humana.

Luca Cavalli-Sforza, Paolo Menozzi e Alberto Piazza escrevem em *The History and Geography of Human Genes* (que atualmente está entre os compêndios mais acessíveis – e fascinantes – sobre este assunto):

Existe uma grande variação genética em todas as populações, até mesmo nas pequenas. Esta variação individual acumulou por longos períodos, porque a maioria dos polimorfismos⁶ observados em humanos ocorreu antes da separação em continentes e talvez até mesmo antes da origem das espécies, há menos de meio milhão de anos. Os mesmos polimorfismos

5 Paul Hoffman (1994, p. 4). É claro que Hoffman usa a palavra “raça” aqui. Mas, conforme seu parêntese deixa claro, podemos assumir que ele esteja se referindo às populações das diferentes regiões principais – África, Ásia e Europa Ocidental.

N.E.: Entrevistado na BBC em agosto de 2001, o famoso geneticista Prof. Steven Jones (do Laboratório Galton, do University College de Londres) alegou que como um “conceito biológico” raças distintas simplesmente não existem. Ele indica que dentro do perfil total do genoma humano, 85% de toda a variedade ocorre entre dois indivíduos do mesmo lugar; cerca de 7,5% da variação ocorre entre dois indivíduos de países diferentes e 7,5% da variedade detectada na composição genética humana é encontrada entre pessoas das chamadas “raças” diferentes no sentido de Hoffman.

6 Um polimorfismo existe numa população quando existirem duas ou mais variantes (alelos) num lugar específico no cromossomo (um local genético).

são encontrados na maioria das populações, mas em frequências diferentes em cada uma, porque a diferenciação geográfica dos humanos é recente, tendo tomado talvez um terço ou menos do tempo em que a espécie existe. Até agora houve muito pouco tempo para o acúmulo de uma divergência substancial...

De um ponto de vista científico, o conceito de raça não conseguiu obter nenhum consenso. Nenhum deles é provável, considerando-se a variação gradual da existência ... podemos identificar "grupos" de populações e ordená-los numa hierarquia que nós acreditamos que represente a história de fissões na expansão para o mundo todo de humanos anatomicamente modernos. Em nenhum nível grupos podem ser identificados com raças, pois todo nível de agrupamento determinaria uma partição diferente e não existe nenhuma razão biológica para preferir alguma específica⁷.

Mesmo que você quisesse argumentar contra o peso desta prova científica, no entanto, você teria que encarar o fato de que a população que é chamada de "negra" nos Estados Unidos não corresponde a nada que um biólogo deveria querer chamar de raça. Aproximadamente 40% de negros americanos devem ter ancestrais índios norte-americanos. Uma proporção grande – porém contestada – tem origem europeia (da mesma maneira que uma proporção significativa, porém contestada, dos chamados brancos americanos, especialmente no Sul, tem alguma origem africana). Apesar de as regras jurídicas e sociais para atribuir as pessoas a uma raça terem sido relativamente variáveis, uma regra

7 Luca Cavalli-Sforza, Paolo Menozzi, and Alberto Piazza (1994, p. 14).

básica ocorreu no cerne do sistema de raça norte-americano: se seu pai fosse negro ou se sua mãe fosse negra, você também seria. Esta regra claramente não tem nada para recomendá-la como a base para um sistema de classificação biológica. (É importante lembrar que esta não foi a regra adotada no Caribe e na América Latina, onde uma terceira raça, “misturada” costumava ser reconhecida. À medida que o tempo passa, o grupo misturado conterà algumas pessoas com ancestralidade cada vez mais “diluída” de um lado ou de outro e, depois da terceira geração, não haverá nenhuma razão para esperar que nós sejamos até mesmo capazes de reconhecer que a ancestralidade deles é misturada. Eu conheço pelo menos uma pessoa loira, com os olhos acinzentados cujo avô era um africano “puro”: especificamente, meu sobrinho mais velho).

Então, mesmo que o negro e o caucasiano tivessem sido categorias biológicas sólidas que permitissem que alguém previsse muitos fatos biológicos importantes sobre os indivíduos, os negros americanos não fazem parte dessa categoria.

Agora, é claro que *existe* uma série de distinções sociais entre negro, branco, amarelo, vermelho e pardo nos Estados Unidos. E é claro, de acordo com as regras desta sociedade, que estas distinções se correlacionam, grosso modo, com fatos culturais. Mas se tivéssemos arranjos sociais diferentes – se, por exemplo, como algumas culturas caribenhas ou na Louisiana francesa, nós fizemos uma distinção profunda entre “negros puros” e “mulatos”, então seria um fato social que não haveria quatro grupos raciais principais nos Estados Unidos – branco, negro, asiático, índio americano – mas cinco – branco, negro, asiático, índio americano e mulato. E isto não envolveria absolutamente nenhuma mudança nos fatos biológicos. Identidades raciais nos Estados Unidos, assim como em outros lugares, são baseadas numa resposta social aos fatos em grande parte biológicos da cor da pele, cabelo e a forma do

rosto⁸. E identidades raciais são suficientemente reais, mesmo que elas não reflitam a existência inerente de raças biológicas.

É isto que se quer dizer com aqueles que dizem que a raça é “construída socialmente” nos Estados Unidos, negando que as “raças” americanas sejam uma realidade biológica. E, conforme eu digo, a evidência está absolutamente do lado desta visão. (Talvez nada demonstre melhor isto do que o fato de um “estudo recente ter descoberto que no começo da década de 1970, 34% das pessoas que participaram de um censo em dois anos consecutivos mudaram as etnias de um ano para o seguinte”⁹).

“QI”

Numa sociedade que já se esforçou tanto quanto os Estados Unidos para realizar testes de QI e outras avaliações de capacidade intelectual, também é provável que as pessoas riem de você se você negar que o que estes testes medem seja realmente a inteligência. Afinal de contas, muitos psicólogos alegam que você pode fazer todo tipo de testes que parecem, intuitivamente, medir a esperteza intelectual e que os resultados da maioria deles se correlacionam um com o outro. Por alguma razão ou por outra, pessoas que têm um bom desempenho num teste, tendem a ter um bom desempenho em outros. Por causa disto, você pode atribuir a cada pessoa um número – que seu inventor, Charles Edward Spearman, chamou de ‘g’, o “fator geral” para a inteligência – e dizer que seu desempenho em cada tipo de teste de QI é um produto de g e de algum(ns) outro(s) fator(es). O teste de inteligência geral ideal captaria g sozinho. Pessoas com um g elevado têm um desempenho melhor, em média, na escola, do que pessoas com um g baixo. Na verdade, elas têm um desempenho melhor, em média, em várias

8 “Em grande parte” biológicas porque cada uma destas características pode ser moldada por coisas não biológicas como o alisamento do cabelo, a cirurgia cosmética, tingimentos e coisas semelhantes.

9 James Shreve (1994, p. 58).

tarefas intelectuais. Considerando-se isso, como qualquer pessoa séria pode negar que testes de QI, que alcançam o *g*, medem a inteligência? Negar isso seria absurdo.

Novamente, muitos outros, inclusive eu, discordamos [...] correndo o risco, sem dúvida, de sermos alvo de mais risadas em Chicago.

Deixe-me começar observando que, para a medida do QI refletir de maneira adequada o que queremos dizer por inteligência, você precisa conseguir alinhar todas as pessoas do mundo em ordem de inteligência. Todas as pessoas precisam ser mais inteligentes, menos inteligentes ou tão inteligentes quanto todas as outras pessoas: é por isso que só existe um número para o seu QI, uma única medida de *g*. Spearman desenvolveu um conjunto de técnicas matemáticas para medir a capacidade mental e foram estas técnicas que o levaram a pensar que esta conclusão relativamente surpreendente estivesse correta.

Na verdade, você não precisa realmente entender as técnicas matemáticas envolvidas para entender a ideia geral de Spearman¹⁰. Apenas se pergunte o que conta como demonstração de inteligência. Será que a inteligência não é apenas a capacidade de usar seu cérebro para navegar com sucesso no mundo - a capacidade de entender como o mundo funciona e depois usar essa compreensão para se deslocar? Quanto maior for sua capacidade de usar seu cérebro desta maneira, mais inteligente você é.

Os primeiros psicométricos começaram com um senso intuitivo bem forte de que determinadas habilidades eram centrais para este tipo de esperteza: espertos verbais (entender o que diz um texto complicado); espertos matemáticos (resolver rapidamente problemas aritméticos, geométricos e lógicos); espertos acadêmicos (ter um bom desempenho em exames de

¹⁰ Se você quiser sentir suas técnicas, leia o Capítulo 6 de Stephen Jay Gould (1981).

história e geografia); os tipos de coisas, em resumo, em que eles próprios, como estudiosos, tendiam a ser bons! Todos estes tipos diferentes de inteligência valiam a pena medir.

Para desenvolver medidas objetivas e reproduzíveis destas habilidades de pensamento, o objetivo é construir testes em que as pessoas que sejam espertas de uma dessas formas tenham um desempenho melhor do que as pessoas que são menos espertas dessa forma. Os testes devem produzir de maneira confiável os mesmos resultados e devem se correlacionar de maneira confiável com a habilidade relevante. Quando os psicométricos estavam tateando para desenvolverem medidas de inteligência, eles naturalmente tentaram todo tipo de testes e era questionável se todos estes diferentes tipos de inteligência realmente ocorressem juntos: talvez algumas pessoas fossem boas para entenderem o que estava sendo argumentado num parágrafo complicado, mas fossem ruins em aritmética e para outras pessoas ocorresse o contrário.

Mas o que Spearman descobriu foi que as pontuações dos testes para o que intuitivamente parecia ser um tipo de inteligência se correlacionavam com as que mediam outro. E ele teve uma ideia sugestiva. Talvez a razão para esta correlação fosse que cada um dos testes estivesse realmente medindo mais de uma coisa: uma inteligência geral, que era responsável pela correlação entre os testes e alguma coisa específica para o teste específico (digamos, alguma coisa a ver com a interpretação de frases escritas, no caso de um teste para espertos verbais). Com um pouco de trabalho estatístico, você pode representar todos estes testes correlacionados desta forma e, com um pouco mais de trabalho, você pode construir um teste que então corresponda exatamente ao componente de inteligência geral. Foi isso que Spearman chamou de *g*: e um objetivo razoável nesse contexto seria construir exatamente esses testes de *QI*, testes para inteligência geral.

Stephen Jay Gould argumentou, no seu excelente livro *The Mismeasure of Man*¹¹, que existe um erro fundamental aqui: supor que é possível reproduzir de maneira confiável um determinado tipo de resultado de teste que tenha explorado uma única coisa. Ele chama este erro de “concretização”. O fato de se poder extrair de maneira confiável uma determinada pontuação num teste, não implica que se tenha identificado uma única coisa real. Uma analogia simples explicará o problema que Gould identificou: suponha que eu estivesse tentando explicar o que contribui para o sucesso em uma maratona. O que quero fazer é desenvolver um teste – eu o chamarei de teste do Quociente de Maratona, ou apenas QM – que tem a seguinte propriedade: se eu tomar dois grupos de pessoas com pontuações k e l , respectivamente, em que k for maior do que l , então é muito provável que o tempo médio daqueles que tiveram pontuação k será menor do que o tempo médio daqueles que tiveram pontuação l . (Eu não me importarei se algumas vezes uma ou duas pessoas tiverem um desempenho incomumente bom ou ruim: o objetivo do teste é medir alguma capacidade básica, não prever como será o desempenho das pessoas em todas as vezes). Agora, suponha que eu meça a capacidade pulmonar de cada corredor, sua contagem de glóbulos vermelhos e toda uma série de outras propriedades que parecem relevantes para ter um bom desempenho numa maratona. Se eu estiver certo em relação ao meu teste QM e certo de que todas estas coisas sejam relevantes, então, em corredores de sucesso na maratona, todas se correlacionarão umas com as outras e com o QM.

O que Spearman fez foi equivalente a dizer, neste caso: suponhamos que a razão pela qual todas estas habilidades se correlacionam é que exista uma capacidade básica – *capacidade geral para correr a maratona* (CGCM). Quando medimos a capacidade de transmissão do sangue de um corredor, ou o tamanho dos seus

¹¹ Stephen Jay Gould (1981).

pulmões, o que estamos *realmente* medindo é sempre o produto entre a CGCM e alguma outra coisa. É por isso que todos estes testes se correlacionam uns com os outros.

Então um Spearman de CGCM tentaria construir testes que capturassem a essência das várias capacidades do corredor da maratona, desenvolvendo uma medida de QM e supõe-se que ele pudesse ir além e explorar a hereditariedade do QM. Se, afinal, o QM medir alguma coisa real, uma capacidade real, então vale a pena explorar até que ponto essa capacidade é determinada hereditariamente.

É claro que de fato ninguém proporia concretizar o QM desta forma. Neste caso, a explicação óbvia para a correlação entre corredores da maratona destas diversas medidas – dos pulmões e da capacidade sanguínea e muscular – é que o treinamento para a maratona exige que você desenvolva todas estas capacidades e que o sucesso na maratona depende de ter uma boa pontuação em todas elas (ou na maioria delas).

Desde os primeiros dias depois que Spearman fez sua proposta, uma explicação semelhante sempre esteve disponível para suas correlações: as pessoas, na verdade, têm toda uma variedade de capacidades intelectuais diferentes, “inteligências múltiplas” e estas se correlacionam umas com as outras porque as educações que damos aos nossos filhos antes de eles entrarem no ensino fundamental e nos seus primeiros anos do ensino fundamental têm o efeito de desenvolverem todas estas capacidades. Apesar de os indivíduos reagirem de maneiras muito diferentes, haverá uma correlação entre todas estas inteligências – mesmo que não exista absolutamente nenhuma base hereditária para a correlação – desde que os tipos de socialização que desenvolvem uma capacidade estejam associados com os tipos de socialização que desenvolvem as outras.

Nos últimos anos, alguns psicólogos – com destaque para Howard Gardner – argumentaram que até mesmo a correlação entre estas diferentes habilidades intelectuais era exagerada. O sucesso em diversos campos da vida depende de diversos tipos de habilidades intelectuais e pessoais, que podem ser medidas de maneira independente. A existência dos chamados sábios idiotas – pessoas com uma capacidade intelectual notável numa dimensão, mas decididamente limitadas em outras – também sugere que de fato pode haver capacidades mentais diferente, separáveis e básicas que compõem as várias dimensões da inteligência¹².

O argumento é o seguinte: permanece pelo menos uma questão aberta se devemos pensar na inteligência como uma única capacidade medida por um número de QI para a inteligência geral ou se é mais esclarecedor pensar no que chamamos de inteligência – a capacidade de aplicar o conhecimento e a compreensão na vida humana – como sendo composta de várias habilidades independentes.

“Raça” e “QI”

Eu argumentei que existem razões para o ceticismo sobre raça e QI tomados separadamente: um único número de QI oferecido como uma medida de inteligência geral pode, na verdade, refletir uma interação complexa de algumas habilidades e não capturar absolutamente nada de outras e uma designação racial lhe diz muito pouco sobre a biologia de uma pessoa. O que acontece quando estas duas noções dúbias são combinadas? Bem, como quase todo mundo sabe, muitas pessoas pensavam que uma vez que você concorde que o QI é altamente hereditário, você precisa concordar que as diferenças entre as raças no QI tenham origem genética.

12 Veja Howard Gardner (1993); Robert J. Sternberg e Richard K. Wagner (eds.) (1994); Darold A. Treffert (1989); Michael J. A. Howe (1989).

Este argumento é o mais fácil de enterrar: no cerne dele está uma confusão sobre a forma em que medidas técnicas de hereditariedade são relativas tanto a uma população quanto a um ambiente. Grosso modo¹³, a *hereditariedade* mede o quociente da variância¹⁴ de uma característica numa população que se deve aos genes, à variância total, que é o produto de genes e do ambiente. A altura é altamente hereditária em todas as grandes populações humanas: boa parte da variação na altura da geração atual é causada pelo fato dos seus pais serem diferentes no que diz respeito aos genes que ajudam a determinar a altura. Mas a principal explicação para a diferença de altura entre os índios do Sul da Ásia e os norte-americanos é que as pessoas aqui comem melhor: conforme fica evidente pelo fato de os norte-americanos de origem do Sul da Ásia terem mais ou menos a mesma média de altura do resto da população¹⁵. Estes argumentos mostram que *podia existir* uma explicação ambiental para as diferenças médias de QI de negros e brancos, não que *exista*. Deixe-me oferecer três argumentos breves de que a explicação adequada das diferenças das médias de QI entre negros e brancos nos Estados Unidos *não é*, na verdade, absolutamente genética¹⁶.

O primeiro argumento diz simplesmente que é extremamente improvável que uma correlação entre alguma coisa tão *socialmente construída* quanto a "raça" americana certamente seja e alguma coisa tão claramente dependente da *socialização* quanto a inteligência provavelmente seja uma evidência aparente que seja

13 Veja David Layzer (1999) que mostra até que ponto o desenvolvimento teórico de uma medida de hereditariedade é complexo e o quanto a pessoa precisa ser cuidadosa ao usar dados para estimar a hereditariedade. O artigo de Layzer explica perguntas como a distinção entre a hereditariedade "ampla" e "restrita" e mostra quantas das condições teóricas para a aplicação do tratamento matemático padrão da hereditariedade não são satisfeitas no caso do QI.

14 Variância é uma medida estatística da variabilidade de uma característica.

15 Ned Block dá uma boa explicação das razões pelas quais a hereditariedade não é uma medida de até que ponto uma característica é determinada geneticamente em Ned Block (1996, p. 30-35).

16 Eu escolhi estes argumentos porque eles podem ser feitos de maneira relativamente simples: existem vários outros de onde vieram este, muitos deles em Ahsley Montague (ed.) (1999) *Race and IQ*.

fortemente determinada pela genética. Em diversos países do mundo, já foi mostrado que existe uma diferença em pontuações de testes de inteligência de aproximadamente um desvio padrão entre a população geral e determinadas minorias desprezadas. Conforme Thomas Sowell observou recentemente: “A diferença de aproximadamente 15 pontos entre negro e branco nos Estados Unidos corresponde às diferenças de QI entre judeus sefarditas e asquenazitas em Israel ou entre católicos e protestantes na Irlanda”¹⁷.

Um cético sobre a abordagem hereditária sugerirá que isto mostra que o dado central faz parte de um padrão sociológico geral, em que grupos desprezados ou maltratados não conseguem, em média, ter um desempenho tão bom neste tipo de teste com lápis e papel quanto membros de grupos dominantes¹⁸. Se isto estiver correto, então os negros não seriam desprezados ou maltratados e a diferença poderia ser reduzida, revertida ou simplesmente desaparecer. O próprio fato de os grupos em questão serem definidos socialmente sustenta uma explicação social do fenômeno.

Um segundo argumento é que existe evidência direta demonstrando que os negros americanos têm um desempenho pior em tarefas as quais eles veem como refletindo na competência intelectual dos negros. O psicólogo Claude M. Steele já mostrou que alunos negros têm um desempenho pior em testes que eles acreditem que reflitam a competência intelectual do que nos mesmos testes quando sua relevância para a competência

17 Thomas Sowell (1994, p. 160).

18 Se você estiver comprometido com explicações hereditárias, você sugerirá que os católicos e os sefarditas são desprezados por serem geneticamente inferiores. O defensor resistente da teoria genética poderá ir além e explicar que ser menos inteligente tornava mais provável que você seria um católico, ou tornaria mais provável que você tivesse escolhido a diáspora árabe em vez da europeia. (Eu não tenho inveja de ninguém que queira encontrar evidência séria – ao contrário de anedotas racistas – para sustentar qualquer uma destas proposições).

intelectual dos negros tiver sido oculta. A diferença média entre negros e brancos na sua amostra realmente desapareceu uma vez que esta fonte de ansiedade foi removida¹⁹. O que a obra de Steele sugere é que parte da explicação para o desempenho ruim de negros americanos em testes de inteligência – na verdade, em exames em geral – é de fato a aceitação ampla da hipótese racista: a *crença* – não o fato – de que em média os negros sejam geneticamente inferiores pode efetivamente ser uma das causas do dado central!

E em terceiro lugar: existem muitas evidências de que os professores (tanto negros quanto brancos) tratam crianças negras e crianças brancas de maneira diferente *mesmo quando eles não têm a intenção de fazer isso*. Então, nós não podemos concluir a partir do fato de professores não serem mais explicitamente racistas no seu tratamento de crianças negras que crianças negras e brancas estejam expostas aos mesmos ambientes na escola. Como resultado disso, a persistência de diferenças no QI médio desde o fim da segregação escolar nos Estados Unidos é bem consistente com uma explicação ambiental dessas diferenças: nós só poderíamos inferir a determinação genética da diferença entre negros e brancos se os ambientes de negros e brancos fossem basicamente iguais. E, como eu digo, nós temos todas as razões para duvidarmos que eles sejam iguais num aspecto crucial – como os professores os tratam – que é *obviamente* relevante para o desenvolvimento de capacidades cognitivas.

Então sou cético em relação à hipótese racista e à grande quantidade de pesquisa motivada por ela. Mas qual pesquisa nós *deveríamos* estar fazendo? Como a investigação sobre a genética da inteligência pode vir a ser intelectualmente recompensadora e socialmente produtiva?

19 Claude M. Steele (1992, p. 68 *et seq.*) Falar sobre uma "fonte de ansiedade" aqui é, evidentemente, deslocar-se em direção a uma hipótese sobre o motivo pelo qual este efeito ocorre. Mas a hipótese me parece razoável.

A primeira coisa que precisamos ver é que uma das principais razões pela qual as pessoas se preocupam com estas questões se baseia numa confusão. Pois muitas pessoas se preocupam se existe uma razão hereditária para as diferenças médias de QI entre populações porque elas pensam que se isso for hereditário, não se pode fazer muita coisa a respeito. Isto é simplesmente falso (e, ao contrário, não se pode concluir que o que é ambiental é tratável).

Não é muito difícil de ver o motivo disso. Suponha, por exemplo, que muitos humanos negros transmitam genes – eu os chamarei de genes “sabotadores” – que inibam o nosso desempenho cognitivo se pessoas à nossa volta nos tratarem regularmente como se fôssemos idiotas: suponha que sejam estes genes que expliquem por que o desempenho dos negros é pior, em média, do que o dos brancos nos Estados Unidos em testes de QI. Imagine, então, que se as pessoas não tratassem os negros como idiotas com mais frequência do que elas tratam os brancos como idiotas, os negros tivessem, digamos, um desempenho um pouco melhor do que os brancos. Também será verdade que se os negros não tivessem estes genes, eles teriam um desempenho melhor (em média) do que os brancos em testes de QI nos Estados Unidos. Então, num certo sentido, estes genes explicam por que os negros têm um desempenho ruim.

Mas em outro sentido a explicação é obviamente a maneira pela qual os negros, por exemplo, nos Estados Unidos são tratados. E este é, além disso, o sentido importante para a política social uma vez que, no momento, é provavelmente mais fácil de tentar parar de tratar as crianças negras como idiotas do que erradicar todo um conjunto de genes da população humana. (Eu digo “provavelmente” porque mudar práticas sociais pode ser realmente muito difícil e isto é especialmente verdade quando práticas atuais

são do interesse – e inflam os egos – de alguma parte significativa do povo).

Na medida em que as crianças têm uma diferença de QI e na medida em que o QI realmente importe, uma questão importante de pesquisa é quais medidas podem compensar por quaisquer déficits hereditários que existam. Essa é uma questão de importância prática e os psicométricos que acreditam na hipótese racista contribuíram de maneira muito pequena para abordá-la. Simplesmente estabelecendo que existe um argumento sólido para a hereditariedade do QI no nosso ambiente social lhe diz o que pode ser mudado apenas em combinação com uma compreensão dos mecanismos pelos quais se determina a inteligência. Se o mecanismo que eu acabei de inventar – meus genes “sabotadores” – estivesse realmente em funcionamento, os psicométricos sem dúvida ofereceriam evidência de que diferenças de QI entre negros e brancos fossem determinadas geneticamente. Mas até mesmo concedendo que exista um sentido em que elas estivessem certas, esse fato não diz nada, conforme já vimos, sobre se as diferenças poderiam ser eliminadas ou não e como isso aconteceria.

Em outras palavras, para lidar com questões de política social, nós também precisamos lidar com questões de interesse muito mais teórico: quais são os processos e os mecanismos sociais, psicológicos e neurológicos específicos que moldam o desempenho das pessoas em testes de QI? Se nós entendêssemos o que produz os números do QI, então nós poderíamos fazer uma pergunta realmente interessante do ponto de vista da evolução da mente: nas relativamente poucas gerações em que os seres humanos estão separados dos ancestrais comuns, será que houve pressões de seleção que empurrou qualquer um destes mecanismos em direções diferentes em populações humanas diferentes? Neste caso, haveria uma razão evolutiva para populações diferentes terem distribuições diferentes dos genes que determinam estes mecanismos.

Portanto, é uma possibilidade lógica que a explicação do dado central seja uma distribuição diferencial de genes que moldam a inteligência. Francamente, no entanto, eu duvido que isto aconteça. A razão é um argumento da teoria evolutiva feito de maneira clara por Jack R. Vale, um biólogo e elegantemente reafirmada recentemente pelo meu colega Orlando Patterson²⁰.

O argumento começa observando que existe toda razão para pensar que o que queremos dizer por inteligência teria favorecido a sobrevivência e a reprodução no passado humano. Disto deriva que a inteligência é composta de fatores de adaptação; características que aumentam a adaptação do organismo, que é sua capacidade de deixar sua herança genética numa grande quantidade de descendentes. O passo seguinte é observar que a variância genética total numa característica tem diversos componentes, dos quais um é chamado de “componente aditivo da variância genética”²¹. A teoria evolutiva geral argumenta que a variância genética aditiva numa população será pequena para um fator de adaptação, de tal forma que a variância genética deve ser composta principalmente dos outros componentes da variância.

Na verdade, no entanto, as estimativas que os psicométricos fazem regularmente da variância genética do QI, mostram que um grande componente dela é a variância genética aditiva: de onde devemos concluir que, seja o que for medido pelo QI, não se trata de um fator de adaptação. E se não é um fator de adaptação, então o que é medido pelo QI não é o que costumamos chamar de inteligência – C.Q.D.

Qualquer que seja a resposta a esta questão evolutiva, seria de grande interesse entender os mecanismos mentais que moldam

20 Jack R. Vale (1980). Veja também Orlando Patterson (1995, p. 194-198).

21 David Layzer (1999) explica o que é a variância genética.

N.E.: Outra excelente antologia dos artigos influentes referidos aqui é Ned Block e Gerald Dworkin (eds.) (1976).

nossas capacidades individuais para lidarmos com desafios intelectuais. E a compilação de cada vez mais evidências de que exista *algum* componente genético ou outro na explicação das diferenças em pontuações de testes de etnias – que é o que os psicométricos racistas acham que eles estão fazendo – simplesmente não lhe diz nada sobre estes mecanismos. Concentrando-se em se os genes que moldam a inteligência são distribuídos de maneira diferencial entre raças ou não tem o resultado paradoxal de desviá-lo de perguntar *como* estes genes moldam a inteligência.

Em resumo, é claro que existem várias perguntas teoricamente interessantes sobre a inteligência humana e sobre o papel dos genes em moldá-la: mas a suposição de que a explicação do dado central é genética fez com que as pessoas se afastassem destas questões interessantes. Se a explicação do dado central estiver relacionada com a psicologia social – porque, por exemplo, ser tratado como inferior atrasa o desenvolvimento cognitivo humano – então essa suposição também torna obscura uma questão prática de enorme importância, que é como podemos eliminar esta fonte de desigualdade social. Admitindo que a evidência da hipótese racista seja, na melhor das hipóteses, fraca, é irresponsável, tanto em termos teóricos quanto práticos, fazer apenas pesquisa que ignore a possibilidade de a hipótese ser – como eu suspeito – equivocada.

Se Steele estiver certo, também é irresponsável propagar a hipótese racista, quando existe tanta evidência contra ela, uma vez que a própria aceitação da teoria pode ser um dos mecanismos para perpetuar a desigualdade. Se houvesse uma evidência muito sólida de que a hipótese fosse verdadeira, eu acho que seria adequado discuti-la cuidadosamente em público, mesmo que Steele estivesse certo. Mas uma discussão responsável teria que ter em mente a possibilidade de que a propagação da hipótese estava contribuindo para a continuação de uma forma evitável de desigualdade.

Deixe-me admitir: eu não quero que a hipótese racista seja verdadeira. Mas se fosse, eu a aceitaria relutantemente e insistiria que nós nos mexêssemos para vermos como nós poderíamos reduzir o prejuízo causado pela existência da desigualdade hereditária. Eu acho que é importante pensar sobre os motivos da pessoa nesta área porque eles podem distorcer a visão que a pessoa tem da evidência: a história da ciência da raça demonstra isto diversas vezes²². Minha consciência do meu desejo de que a hipótese não seja verdadeira me tornou especialmente atento para a possibilidade de eu estar errado. E então eu devo observar que os acadêmicos brancos que defendem a hipótese racista têm uma razão especial para o ceticismo em relação ao seu próprio entusiasmo por uma visão que implica que eles pertençam a uma raça superior: tanto nas ciências quanto em outros lugares temos razão para suspeitarmos que temos um pensamento desejoso.

Conclusão

Os principais cientistas do mundo se manifestaram [...] e estabeleceram de maneira categórica uma série de proposições²³ que podem ser resumidas da seguinte maneira:

1. Não é legítimo argumentar que existam diferenças em características mentais a partir de diferenças físicas [...]
2. A civilização de uma [...] raça em qualquer momento específico não oferece nenhum índice às suas capacidades inatas ou herdadas [...]²⁴

Pelo menos no que diz respeito a atitudes intelectuais e morais devemos falar de civilizações onde hoje falamos de raças [...] Na verdade, até mesmo as características físicas, excluindo a cor da

²² Veja Stephen Jay Gould (1981).

²³ Esta alegação foi estimulada por G. Spiller (ed.) (1911).

²⁴ W. E. B. Du Bois (1911 [1983], p. 13).

pele de um povo, não são em pequena medida o resultado direto do ambiente físico e social em que ele está vivendo [...] Além disso, estas características físicas são indefinidas e enganosas demais para servirem como base para qualquer classificação ou divisão de grupos humanos²⁵.

Assim escreveu W. E. B. Du Bois, o maior intelectual americano negro do século XX. O ano era 1911 e Du Bois estava argumentando que a evidência científica mais recente sugeria que as diferenças mentais entre as raças não deveriam ser explicadas pela herança física (que agora passaríamos a chamar de genes), que o estado cultural de um povo nos dizia pouco sobre o que ele conseguia realizar em circunstâncias diferentes e que a própria ideia de haver raças biológicas distintas era um erro. Como de costume, Du Bois estava certo e aqueles que escolheram discordar dele nas últimas oito décadas estiveram num terreno cada vez mais escorregadio.

Há pouco mais de trinta anos, quando Ashley Montague publicou pela primeira vez uma coleção de textos no *Race and IQ*, esse livro tornou-se necessário pela articulação sólida da visão oposta de Arthur Jensen e sua popularização por Richard Herrnstein, entre outros. Hoje em dia, com poucos argumentos novos e uma determinada quantidade de dados novos, porém irrelevantes, estas ideias foram ressuscitadas no discurso popular pelo mesmo Professor Herrnstein, desta vez com Charles Murray, um intelectual da política pública, como seu cúmplice. Numa cultura tão profundamente comprometida com o pensamento da raça quanto os Estados Unidos, é provável que estas ideias continuem a ser de senso comum para muitos e sua rejeição continuará, em consequência a ser considerada como ridícula e absurda [...] e não apenas numa das cidades maiores, mais

25 Du Bois (1911 [1983], p. 14).

populosas e mais cosmopolitas dos Estados Unidos, como Chicago.

Que é o motivo pelo qual – em nome tanto da verdade quanto da humanidade – nós devemos nos armar com os argumentos contra a conclusão racista e educar a nós mesmos e aos nossos outros cidadãos com eles. A verdade sobre a “raça” nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo é dura o suficiente: estas antigas falsidades criam obstáculos imaginários num caminho para a igualdade que já está barrado demais por impedimentos reais.

* * *

Kwame Anthony Appiah é professor de filosofia da Cátedra Laurance S. Rockefeller e do Centro Universitário de Valores Humanos, na Universidade de Princeton, onde se juntou à equipe docente em 2002. De 1991 até então foi professor de estudos afro-americanos e filosofia na Universidade de Harvard. Depois de se formar em filosofia na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, em 1975, lecionou filosofia na Universidade de Gana, em Legon, antes de voltar novamente a Cambridge para seu doutorado. Juntamente com Henry Louis Gates Jr., é o editor de *Africana: The Encyclopaedia of the African and African-American Experience* e ex-editor de *Transition*. Publicou três romances e duas monografias sobre a filosofia da língua e várias outras obras filosóficas, inclusive *In My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture* e *The Ethics of Identity*.